



## NEOLIBERALISMO: REFLEXOS E CONTRADIÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL(2020-2022)

MARCONDES FILHO<sup>77</sup>

**RESUMO:** Busca-se neste trabalho analisar os reflexos e as contradições do projeto neoliberal imposto na sociedade brasileira sob contexto da pandemia da Covid-19. Este trabalho visa esclarecer essa relação a respeito da natureza social do neoliberalismo segundo o geógrafo David Harvey (2008) e a contextualização das problemáticas do mundo do trabalho no Brasil a partir de autores e obras contemporâneas à elaboração desta pesquisa. Para esse fim, serão aplicadas as contribuições de um grande teórico da geografia urbana, o supracitado Harvey; e um grande nome da sociologia do trabalho no Brasil, Ricardo Antunes (2000 e 2018), entre outros.

**Palavras-Chaves:** neoliberalismo; mundo do trabalho; pandemia; sociedade brasileira.

**ABSTRACT:** *The aim of this work is to analyze the reflections and contradictions of the neoliberal project imposed on Brazilian society in the context of the Covid-19 pandemic. This work aims to clarify this relationship regarding the social nature of neoliberalism according to the geographer David Harvey (2008) and the contextualization of the problems of the world of work in Brazil from authors and works contemporary to the elaboration of this research. To this end, the contributions of a great theorist of urban geography, the aforementioned Harvey; and a great name in the sociology of work in Brazil, Ricardo Antunes (2000 and 2018), among others.*

**KEYWORDS:** *neoliberalism; world of work; pandemic; Brazilian society.*

### Introdução

No que tange o paradigma do mundo do trabalho na sociedade brasileira, para a sociologia, muito se tem pensado e discutido nos retrocessos que se tem passado, direitos civis que estão sendo cada vez mais coados a favor do sistema produtivo de acumulação de capital e de lucro. Mas afinal, por que tem se favorecido categorias estruturais do sistema de mercado em detrimento dos direitos civis da população? Quem ou qual classe, de fato, tem se favorecido? O que vem acontecendo com a sociedade brasileira conforme há o avanço do neoliberalismo presente nas medidas de flexibilização do trabalho? São perguntas que possuem diversas implicações e que requerem contextualização. Para tal fim, seremos

<sup>77</sup> Graduando do curso de Ciências Sociais da UFRPE.



guiados por diversos autores que analisam o paradigma neoliberal da sociedade brasileira e a sua coexistência com a pandemia do coronavírus.

A pandemia do Covid-19, iniciada no Brasil em março de 2020, revelou diversas fragilidades de um sistema neoliberal que não consegue preservar os trabalhadores de sua sociedade e concomitantemente manter seu funcionamento. Diversas medidas de quarentena para o combate ao vírus foram necessárias tais quais: distanciamento social; exigência de evitar aglomerações; a permanência no domicílio; *lockdown*; exclusivo funcionamento de comércios *essenciais* (alimentação, saúde) etc. A população de baixa renda, trabalhadores informais, pequenos empresários e autônomos se viram sem condições de adquirir renda e muitos entraram em falência. A luta de grande parte da população se tornou sobreviver. O preço dos alimentos, o gás de cozinha, as passagens de transporte público aumentaram; o preço do combustível inflacionou, são gastos que se tornaram incompatíveis com o salário mínimo de grande parte da população brasileira. Ao mesmo tempo, a insegurança do trabalhador formal em manter seu emprego conforme houve a flexibilização dos contratos e a massa de indivíduos desempregados ou trabalhando informalmente são questões presentes no dia a dia da população brasileira. O resultado tem sido a população de renda baixa e média se esforçando para sobreviver, colocados em um estado de insegurança alimentar, sem direito a lazer e perspectivas de uma boa qualidade de vida. Uma política pública necessária foi o auxílio emergencial dado pelo governo federal para a população brasileira em 2020, que refletiu a extrema necessidade do país de ter um Estado forte e presente, revelando contradições do sistema neoliberal e a ilusão da auto regulação do livre mercado para todos os aspectos da vida humana. Porém, esta medida por si só não representou a solução da insegurança social das classes mais baixas da sociedade brasileira, o que nos coloca essa questão: qual(is) a(s) solução(ões)? Quem são os *agentes* para que ela(s) ocorra(m)?

O objetivo deste trabalho, pois, é realizar reflexões sobre as diversas temáticas que compõem o tema. E por fim, trazer as conclusões dessa discussão, através da revisão bibliográfica dos autores da economia política e da sociologia contemporânea. O trabalho levanta o caso concreto dos motoristas de aplicativos frente a neoliberalização da economia. E conclui, sociologicamente, que o mundo do trabalho brasileiro tal qual se encontra hoje é fruto dos longos processos históricos de neoliberalização, que no Brasil, se materializaram no governo Bolsonaro (2018-2022) a partir do golpe de Estado de 2016.

### 1. O neoliberalismo e a submissão do Estado brasileiro

Guiados por Harvey (2008), na busca pelo entendimento da natureza social do sistema capitalista e de seus desdobramento diante da neoliberalização hegemônica, podemos



compreender que o neoliberalismo é antes de tudo uma teoria das práticas político-econômicas que se baseiam no fato de que o bem estar social dos indivíduos é melhor desenvolvido a partir da liberação das liberdades capacidades empreendedoras individuais no espaço que se sobrepõe de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. Compreende-se dessa fundamentação uma estrutura ideológica que valoriza antes de todos os outros direitos sociais e fundamentais previstos na Constituição Cidadã o direito à propriedade privada. Ainda para David Harvey (2008), nessa teoria política-econômica, o papel do Estado é o de produzir e preservar uma estrutura institucional que garanta essas práticas de liberdade:

*O Estado tem de garantir, por exemplo, a qualidade e a integridade do dinheiro. Deve também estabelecer as estruturas e funções militares, de defesa, da polícia e legais requeridas para garantir direitos de propriedade individuais e para assegurar, se necessário pela força, o funcionamento apropriado dos mercados.*  
(HARVEY, 2008, p.2)

O papel do Estado na teoria neoliberal vigente, ainda para Harvey (2008) é coado e sua legitimidade está apenas em garantir condições para o bom funcionamento dessas práticas políticas, sendo que essa ideologia não deve tentar funcionar além desse básico. Quando os mercados forem criados, as intervenções estatais tem que ser mínimas, pois conforme a teoria, o aparelho estatal sofre para atender minimamente as vontades do mercado, as políticas de preços, e ainda, apresenta a questão de que sempre existe a disputa de grupos de interesses nesses espaços públicos de deliberação estatal podendo desviá-lo a seu bel prazer em objetivo próprio e mais especificamente na forma de governo democrática.

Em um contexto de *crise estrutural de capital*, para Ricardo Antunes (2000), o sistema produtivo capitalista recentemente aumentou sua lógica destrutiva em resumidas contas dois aspectos importantes estão relacionados: o primeiro relaciona-se a crescente substituição do padrão de produção fordista e taylorista por outras formas de produção sem regulamentação e flexíveis, conhecidas como o toyotismo ou modelo do japonês e acumulação flexível, a título de exemplificação; e o segundo aspecto está relacionado a categoria de regulação da famosa social democracia, que dá base para as políticas de bem estar social, em diversos estados desenvolvidos, está desaparecendo com o avanço das políticas neoliberais, de pressão para as privatizações e contra a sociedade.

Quanto ao contexto atual, o Governo Bolsonaro (2018-2022) é o retrato do neoliberalismo, ainda com raras agendas que fujam dessa teoria e que favorecem a classe trabalhadora dos militares etc. O governo atual é o governo no qual essas medidas de acumulação flexível estiveram presentes em forma de exploração do trabalho, como uma alternativa



ao desemprego, mas que institucionalizaram uma classe trabalhadora sem direitos, algo que Antunes (2018) trabalha. Este governo nasce de uma crise na representação na democracia brasileira e do Golpe de 2016, na qual o eleitor já não acredita mais na política e nos seus representantes, desde o governo anterior. Bolsonaro representaria o herói militar que salvaria o país da corrupção de outrora.

Segundo Luana Rosário (2020), a agenda neoliberal em seu governo possui uma potente expressão ao engajar-se ao conservadorismo, fascismo, rascismo e cis-hetero-patriarcado, que se tornaram viáveis e foram potencializados a partir da fundação de um Estado de exceção que se fundamenta nos interesses de uma parteda sociedade. Nesta perspectiva, o golpe de Estado de 2016 possibilitou a chegada do governo bolsonaro, e evidenciou que sob o contexto da pandemia de Covid-19, “a realidade subjacente à produção da degradação dos indesejáveis em um projeto de poder e de sociedade em que algumas pessoas importam menos do que outras...” na qual a lógica mercadológica fundamentada anteriormente é a máxima prioridade estatal “para o enriquecimento daqueles que historicamente se beneficiam da exploração e do extermínio.” E sob este contexto de crise sanitária, social e política, Rosário nos informa que:

*Bolsonaro sabe quantas pessoas podem morrer pelo Covid-19 não se importa. O capitalismo financeiro também não se importacom isso porque o que interessa a seus representantes é a realização das reformas ultraliberais com as quais Bolsonarose comprometeu. Enquanto os atores políticos tolerarem Bolsonaro em razão do projeto neoliberal, a democracia brasileira está sob grave risco.*

(ROSÁRIO, 2020, p.2)

Em outra perspectiva, Harvey (2008) entende a necessidade de superar *a crise estrutural de capital* na passagem do século XX para o XXI como um movimento de neoliberalização que se deu sob o objetivo de restituir o poder das classes dominantes nos países ricos, especialmente nos EUA, e tais medidas estão diretamente ligadas com um processo de mudança e metamorfose no mundo do trabalho e na produção de capital em si. Guiados por Murray (1983) e Bihl (1998) conseguimos compreender a partir deles que as transformações inerentes ao próprio modo de produção se intensificaram, a partir do constante avanço das aparato tecnológico, característico do modelo da flexibilidade na sua acumulação e das formas que estão substituindo as de Taylor e Ford, como o toyotismo. E para eles, há dois pontos importantes nesses pontos nessas transformações que acabaram por abalar a classe trabalhadora e o seu aparelho sindical: a própria disputa dentro do próprio sistema de capital, e a constante necessidade de conter o movimento operário e a hostilidade entre os estratos sociais.

A necessidade máxima do mercado ainda continua sendo o capital, porém, mais e mais



incorporado aos desejos humanos e individuais dos trabalhadores. A linguagem universal é o lucro em detrimento dos direitos e necessidades básicas da população. Sujeitos cansados de sua atividade laboral não lutam por seus direitos; sujeitos satisfeitos e crentes de que suas realidades (*status quo*) só podem ser mudadas a partir da atividade laboral e não cientes de que sua realidade é consequente de uma superestrutura que domina os aspectos mais ínfimos do nosso ser.

Esse sentimento de satisfação generalizada de algo que o Branko Milanović analisa notavelmente em “*Capitalismo sem Rivais*” (2020) no qual ele compreende o domínio total do modo de produção capitalista sobre qualquer outro de modo tão incontestável quanto a perspectiva ideológica do dinheiro que tem de ser cortejado e que representa o objetivo principal na vida dos sujeitos que existem dentro desse sistema, e que esse estímulo monetário é compreendido por indivíduos de todo o globo e de todos os estratos sociais. O sistema se incorporou na essência humana a partir do valores da dignidade, do mérito e do progresso:

*O capitalismo tem sido notavelmente bem-sucedido em inculcar nas pessoas os seus objetivos como sistema, induzindo-as ou persuadindo-as a adotarem suas metas e construindo, assim, uma convergência extraordinária entre o que o capitalismo necessita para sua expansão, de um lado, e as ideias, os anseios e os valores das pessoas, do outro. (MILANOVIĆ, 2020, p. 10).*

Esses processos, acima descritos através de fundamentos e críticas, coexistiram e reinventaram quando uma nova fase (de crise) mundial começou em 2019. A crise sanitária mundial veio e a saúde da população foi a prioridade para o sistema da liberdade e do lucro? Veremos a seguir.

## 2. O Mundo do trabalho no Brasil e pandemia do covid-19

Em um contexto no qual já se discutia a reforma trabalhista, a doença chegou ao Brasil, o mercado por si só não iria salvar a vida das pessoas. A pandemia do coronavírus exigia o distanciamento social. Apenas o essencial poderia funcionar. O desemprego gerou um “exército de reserva”, Karl Marx reserva análise em “*O Capital: crítica da economia política, livro 1: o processo de produção do capital.*” (2012) que a:

*[...] população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa superpopulação se converte, em contrapartida, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa condição de existência do modo de produção capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se ele o tivesse criado por sua própria conta. Ela fornece a suas necessidades variáveis de valorização o material humano sempre pronto para ser*



*explorado, independentemente dos limites do verdadeiro aumento populacional (MARX, 2012, p. 707).*

Isso só aumentou com os contratos de trabalhos cada vez mais flexíveis e os processos de terceirização em massa recentes após o governo Temer (2016-2018). A instabilidade, violência psicológica do desemprego e ameaça do despejo são fatores reais e presentes na vida da classe média e baixa da população brasileira. Os pequenos empreendedores estavam caminhando para a falência. Diversas atividades não essenciais ligadas à arte, a título de exemplo, foram sucateadas, e novamente, muitas caminharam à falência. Santana (2020) observou determinadamente o campo laboral e não laboral da forma em que se estabeleceu durante a pandemia, a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19/10 e constatou que em 2020 o Brasil atingiu a casa dos 13,5 milhões que estão sem emprego formal, com propensão para aumento desses números, já que como vimos acima, as políticas de flexibilização do isolamento social contribuíram que mais pessoas estivessem à procura de emprego. Serviços laborais fecharam e em diversos graus, em diversos campos.

Além da questão estudantil, que afetou física e psicologicamente a maioria dos estudantes brasileiros:

*A pandemia atuou ainda fortemente sobre os números de jovens que não estudam e nem trabalham. Esse já era um índice importante antes da crise sanitária, contudo, com suas especificidades, ela pressionou ainda mais contribuindo para “aumentar o contingente de jovens que interrompem seus estudos e param de buscar emprego, ampliando o grupo dos jovens nem-nem desengajados da força de trabalho. (SILVA; VAZ, 2021, p. 105)*

O papel do Estado (mundialmente) nesse contexto se tornou máximo ao prever medidas, políticas públicas, de suporte financeiro como: auxílios emergenciais; auxílios específicos a artistas e a outras profissões específicas; auxílios desemprego; medidas protetivas contra cortes de iluminação e água caso haja falta de pagamento. Não diferentemente foi no Brasil. O mundo rumou para uma era em que o essencial se tornou regra e o mínimo previsto pelo Estado ainda manteve a população de classe média e baixa em regime de massacre: comer se tornou luxo, lazer se tornou crime. Cenas tais quais a foto abaixo revela voltaram acontecer e tornaram-se comuns a uma classe que no governo anterior, através de políticas de base e de bem-estar social, tinha feito milhões saírem da extrema pobreza:



Figura 01: O reflexo da fome no Brasil no Governo Bolsonaro.  
Fonte: Revista Fórum, 2021.

Um dos temas mais concretos e presentes na nossa realidade é a *uberização* do trabalho a qual representa uma nova categoria do trabalho no Brasil e do mundo: o escravo digital. Antunes em “*O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*” (2018), ao buscar compreender a nova morfologia do trabalho apresenta diversos questionamentos quanto a essa problemática: “a nova morfologia da classe trabalhadora neste início de século em meio a uma sociedade dos adoecimentos, uma sociedade que tem a precarização como regra e é pautada pela terceirização total.” O escravo digital materializado nos motoristas de aplicativos se encontra explorado através de “mecanismos complexos de extração do mais-valor, tanto nas esferas da produção material quanto nas atividades imateriais”. A constante desregulamentação e informalização do trabalho torna essencial o levantamento desse debate tal como Antunes e este trabalho. Embora alguns dados revelados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) caracterizem queda na taxa média de desemprego no ano de 2019, a morosa recuperação do mercado trabalhista ainda possui forte influência do avanço da informalidade, que chegou em seu nível recorde neste ano de 2019.

Segundo a revista Correio Braziliense, ao analisar os dados do IBGE, “nada menos que 41,1% da população ocupada do Brasil, ou seja, 38,4 milhões de pessoas, se encontram no mercado informal. O número é o maior desde 2016. O avanço pode ser visto em um recorte feito pelo Correio, que analisa apenas o aumento de motoristas por conta própria de 2012 até 2019.” E os dados se tornam cada vez mais alarmantes para os trabalhadores que buscam um trabalho regulamentando e a estabilidade,



*Os dados da Pesquisa Nacional de Empregados e Desempregados (Pnad) Contínua Trimestral mostram um aumento de 137,60% no número de motoristas que trabalham por conta própria, ao comparar os quatro trimestres dos anos de 2012 e 2019. Impulsionados pelo surgimento dos aplicativos de mobilidade, aproximadamente 666 mil novos motoristas por conta própria surgiram de um trimestre para outro. Só no Distrito Federal, o contingente pulou de 4 mil no quarto trimestre de 2012 para 20 mil no mesmo período de 2019.*

A união entre o contexto da crise radical que acontecia no ano de 2019, somada a crise de Covid-19 e as mudanças estruturais no mercado de trabalho tiveram como consequência os dados supracitados. A situação trabalhada por Antunes (2018) na qual a *uberização* é um fator da escravidão digital, portanto, não é uma escolha dos trabalhadores, mas uma consequência estrutural (institucional) e super-estrutural (política), uma válvula de escape para todo o contexto de crise fundamentado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS E CRÍTICAS

Assim como neste trabalho, muito se tem discutido no campo acadêmico das ciências humanas as implicações e consequências que o mundo neoliberal, a flexibilização do trabalho, dos serviços e a nova ordem mundial têm afetado direta e indiretamente a vida da sociedade, para uns positiva, para outros negativamente. A vida dos indivíduos que “parecem que não existem”, os mais pobres, foi afetada e estes indivíduos são colocados em um processo coercitivo diário em busca de um salário mínimo inviável para suprir suas necessidades básicas, buscando mudar seu status quo através do seu trabalho. Apontamos como Harvey se dedica a aspectos estruturais, enquanto Antunes, à relação agente-estrutura e aos processos de coerção e alienação existentes nessa troca.

O foco dessas discussões deve ser o lado mais humano: ouvir o outro, buscando aprendê-lo e se possível propondo soluções para as suas vulnerabilidades sociais. A realidade factual do povo brasileiro é a descrita acima. É inegável que o brasileiro é um povo batalhador e que merece mais do que a ilusão de que a saída dos seus problemas está no seu trabalho, e da falácia de que a mudança do seu status quo está no mérito e na oportunidade que se “pega” acordando as 4-5 horas da manhã para ter o mínimo e “colocar o pão na mesa”. São reflexos de uma superestrutura (política) e estrutura (instituições) que põem todo o peso da responsabilidade nos indivíduos de sua sociedade, que não dialoga com seus cidadãos e que se perpetua por nomes de família.

Uma boa política vem da participação política da população, uma participação efetiva vem de uma boa política educacional, que vá além do aparelho escolar, e, esses são alguns exemplos de questões a serem levadas em conta em processos da gestão pública, e de





fato, caminhos para aqueles que pensam e projetam um Brasil politicamente voltado para sua sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2000. p. 35-48.

Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010021549/3antunes.pdf>. Acesso em 15/04/2022.

BIHR, A. Da Grande Noite À Alternativa: O Movimento Operário Europeu em Crise. São Paulo: Boitempo. 1998.

CARDIM, M. E. Número de motoristas por aplicativo cresceu 136% de 2012 a 2019. Correio braziliense.2020 Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/02/23/internas\\_economia,829826/numero-de-motoristas-por-aplicativo-cresceu-136-de-2012-a-2019.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/02/23/internas_economia,829826/numero-de-motoristas-por-aplicativo-cresceu-136-de-2012-a-2019.shtml). Acesso em: 22/05/2022

HARVEY, D. O neoliberalismo: histórias e implicações. São Paulo: Loyola, 2008. p. 15-48.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política, livro 1: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2012.

MILANOVIĆ, B. Capitalismo sem rivais: O futuro do sistema que domina o mundo. Nova York: Todavia. 2020.

MURRAY, F. The Decentralisation of Production: The Decline of the Mass-Collective Worker? Londres: Capital & Class. 1983.

ROSÁRIO, L. A Necropolítica Genocida de Bolsonaro em tempos de Pandemia e o Projeto Ultra-Neoliberal. São Luís: Revista Rics. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/15815/8390>. Acesso em: 22/05/2022.

SANTANA, M.; AURELIO, M. Classe trabalhadora, precarização e resistência no Brasil da pandemia. Rio de Janeiro: Revista Em Pauta. 2020. Disponível em: <https://www.e->



[publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/60293/38407](http://publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/60293/38407)

. Acesso em: 18/04/2022.

SILVA, E. R. A. ; VAZ, F. M. **Os jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil.** Rio de Janeiro: Ipea. 2020.

Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10414/1/bmt\\_70\\_jovens\\_que\\_nao.pdf#](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10414/1/bmt_70_jovens_que_nao.pdf#):

~:text=Dos%2015%20aos%2017%20anos%2C%20a%20maioria%20dos,aqueles%20que%20n%C3%A3o%20estudam%20e%20s%C3%B3%20procuram%20trabalho. Acesso em: 25/04/2022.

